

## O lugar dos avós na configuração familiar com netos adolescentes

*The place of grandparents in the family setting with young grandchildren*

Alessandra da Rocha Arrais  
Katia Cristina Tarouquella R. Brasil  
Carmen Jansen de Cárdenas  
Luisa Lara

**RESUMO:** Neste artigo buscou-se identificar e compreender o lugar dos avós na configuração familiar de netos adolescentes. Utilizou-se o método quantitativo, exploratório e descritivo. Aplicou-se um questionário misto, em 87 adolescentes, em suas próprias escolas. Procedeu-se a análise estatística dos dados por meio do Teste (T) Não-Paramétrico. Esse estudo confirmou a ideia de que há uma maior influência por parte da mãe da mãe sob seus netos jovens, apenas quando estes residem com seus avós.

**Palavras-chave:** Idosos; Adolescentes; Relação Familiar.

**ABSTRACT:** *In this article we sought to identify and understand the place of grandparents with grandchildren in the family configuration of grandchildren teens. We used the quantitative, exploratory and descriptive method. We applied a mixed questionnaire in 87 adolescents in their own schools. We carried out the statistical analysis of data through the Test (T) Non-parametric. This study confirmed the idea that there is a greater influence by the mother of the young mother in her grandchildren, only when they live with their grandparents*

**Keywords:** *Elderly; Adolescents; Family Relationships.*

## Introdução

As novas configurações familiares do século XXI se construíram a partir de mudanças sociohistóricas, econômicas e culturais na sociedade ocidental. As famílias responderam às interferências externas, remodelando seus padrões de afinidade e convivência social (Acosta & Vitale, 2008). Contudo, apesar das evidentes transformações na vida familiar, a família ainda é vista como uma instituição privilegiada para a constituição da identidade de seus membros (Seben, 2010).

Pesquisas revelam (Araújo & Dias, 2002; Debert, Simões, Goldfarb & Lopes, 2006) que, com as novas organizações e modos de relacionamento, a composição das famílias brasileiras ganhou a força expressiva dos idosos. De acordo com o Instituto de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a expectativa de vida no Brasil aumentou cerca de três anos entre 1999 e 2009, passando para 73,1 anos de vida. “Quando a expectativa de vida girava em torno dos 40 anos, eram tão poucos os avós que chegavam a ter netos que nem fazia sentido cultivar esse vínculo” (Aratany & Posternak, 2005). Assim, com o aumento da longevidade, os velhos passaram a conviver mais tempo com seus descendentes, bem como a exercer diferentes papéis na dinâmica familiar. Os avós, por exemplo, raramente podiam conviver com os netos, sobretudo até que esses se tornassem adultos, como pode acontecer atualmente (Glass Jr & Huneycutt, 2002; Reitzes & Mutran, 2004, como citado em Lopes; Nery & Park, 2005). Em decorrência da maior possibilidade de convivência entre as gerações na atualidade, observam-se mudanças nos laços intergeracionais e até no significado do papel de avós a ser desempenhado nas relações familiares.

Apesar desse novo contexto, observa-se o pouco reconhecimento das implicações do envelhecer em nossa sociedade, em específico a pouca visibilidade dos avós como atores sociais no desenvolvimento de seus netos-adolescentes. A maioria dos dados disponíveis resulta de pesquisas realizadas no cenário internacional e relacionado a netos na infância. Ainda que resultem de uma realidade diferente da existente no nosso país, tais estudos nos ajudam a elucidar o quadro em que as avós e os avôs envolvidos no cuidado de seus netos-adolescentes se encontram: dividem as responsabilidades com os pais dos jovens ou se ocupam integralmente desse

compromisso. Seria essa a realidade dos avós dos adolescentes brasileiros? Ou como nos pergunta Aratangy e Posternak (2005: 11): “Será que os brasileiros nascem com toda a sabedoria necessária para exercer essa função?”, referindo-se à função de avô. Assim, nasceu o interesse em desenvolver um estudo que buscasse identificar e compreender o lugar dos avós na configuração familiar dos netos-adolescentes, que residem em Brasília (DF).

### **As novas configurações familiares e o lugar dos avós**

No Brasil, Debert e Simões (2006) observaram dois tipos específicos de arranjos familiares com a presença de idosos: as famílias de idosos e as famílias com idosos. A primeira considera a posição do idoso como chefe de família, sendo provedor financeiro na criação dos netos. Nas famílias com idosos, em especial nas famílias pobres, seu papel é de suporte afetivo nos cuidados com as crianças, pois depende financeiramente dos filhos ou netos. Nos dois tipos de arranjos existem trocas informais, em que os idosos integram o sistema de apoio mútuo. Esses aspectos evidenciam a ascensão da população idosa e a reformulação do paradigma de que envelhecer significava deixar de produzir e esperar o fim do ciclo da vida.

A literatura comprova (Bleger, 2001; Goldfarb & Lopes, 2006) que a modificação no papel dos idosos, no contexto familiar e social, provocou uma crise de identidade na avosidade<sup>1</sup>. Observa-se um aumento considerável de casos em que os avós passam a desempenhar o papel de pais, em alguns casos com todas as funções pertinentes, deixando de viver a experiência de serem simplesmente avós.

Dellman-Jenkins *et al.* (2002, como citado em Lopes, Nery & Park, 2005) afirmam que os avós tiveram seus papéis ampliados: é cada vez mais comum que eles tenham netos morando consigo. Eles lhes oferecem cuidados diários, responsabilizam-se também financeiramente e até obtêm sua custódia legal. Nessa situação de cuidado e

---

<sup>1</sup> A palavra avosidade corresponde em língua inglesa a *grandparenthood*. Paulina Redler difundiu o termo *abuelidad* em 1977, em seus estudos de psicogerontologia. Trouxe uma visão para além da idade cronológica, ao realçar os laços de parentesco que exigirão do idoso a reestruturação psíquica ao ocupar um novo status pessoal, familiar e social: ser avô/avó (Redler, 1986, como citado em Pedrosa, 2006).

papéis expandidos, há dois modelos de estrutura familiar que englobam a co-habitação de avós e netos, a saber: na primeira, temos os lares compostos por três gerações que teve considerável aumento a partir da década de 80, em que ambos os pais ou ao menos um deles reside com avós e netos. Já na segunda, mais comum a partir da década de 90, os pais estão ausentes do lar e cabe aos avós todo o cuidado com os netos (Goodman & Silverstein, 2002, como citado em Lopes, Nery & Park, 2005).

Os modelos acima trazem consigo exigências e consequências distintas para os avós. Há avós que cuidam dos netos apenas por um período do dia, para que os pais possam trabalhar e por não terem outro local onde deixar as crianças. Ou ainda, há os que cuidam em tempo integral, porque toda a família reside nos chamados lares multigeracionais devido a, por exemplo, problemas financeiros. Nesses tipos de arranjos podem ser apontados benefícios e dificuldades, conforme o quadro em que a família está inserida. Em alguns casos, pode haver uma divisão das responsabilidades, maior união entre os membros e aumento dos recursos familiares. Em outros, prevalecem os conflitos entre avós e pais quanto à educação dos netos ou ainda descompromisso por parte dos pais e perda de privacidade dos avós.

Se ambos os pais não residem na mesma casa, os avós responsabilizam-se totalmente pelos netos (segundo tipo de arranjo familiar apontado). Tem-se, então, o cenário propício para que esses avós passem a ocupar o papel de pais substitutos (Goodman & Silverstein, 2002 como citado em Lopes; Nery & Park, 2005). Essa substituição ultrapassa os limites práticos e instrumentais, inserindo-se no imaginário das partes envolvidas, pois não é incomum presenciarmos netos chamando carinhosamente seus avós de pais.

### **A crise da adolescência**

O adolescente, ao se apresentar perante os outros, manifesta a herança psíquica constituída no processo de identificação, apresentando os valores transmitidos pela sua cultura, em que os avós têm um papel importante nessa transmissão (Aulagneir, 1990, como citado em Goldfarb & Lopes, 2006). No entanto, na adolescência se inaugura uma

nova forma de perceber a si e o mundo. O jovem se depara com uma diversidade de mudanças e transformações corporais, ampliação do pensamento e do conhecimento e modificações sociais que emergem nesse processo de desenvolvimento em direção à maturidade.

Da necessidade contínua de adaptação às mudanças relativamente bruscas, o adolescente se encontra diante de conflitos psicológicos individuais e uma série de exigências do meio externo que favorecem a ocorrência de crises. Na descoberta de si mesmo, o jovem apresentará um grande número de identificações e, ao perceber o conflito entre os materiais sociais que pode empregar na sua vida e o desejo e aptidão para usá-los, se deparará com a crise de identidade (Pereira, 2005).

Erikson (1998) acrescentou a dimensão das relações sociais aos estágios psicossociais de Freud. Apoiado na visão psicanalítica, ele acrescentou que o desenvolvimento da personalidade não para na adolescência, mas continua através do ciclo da vida. Durante esse percurso, momentos de crises psicossociais marcariam a passagem entre os estágios. A entrada na puberdade e adolescência marcaria a crise psicossocial da identidade e a confusão de papéis (Kaplan & Sadock, 1984; Pereira, 2005).

Segundo Erickson (1998), todas as pessoas atravessam crises psicossociais em cada estágio do desenvolvimento humano. Em especial no período da adolescência, este autor ressalta que as transformações corporais, afetivas e sociais desafiam a integralidade da personalidade, gerando a crise de identidade versus a confusão de papéis. A crise de identidade não se restringe ao adolescente, pois os pais também reviverão seus conflitos internos nesse tempo. A separação afetiva da família implica investimento emocional para ambos os lados, pais e filhos (Aberastury, 1988).

Nesse período do desenvolvimento, o jovem é empurrado para um novo papel, uma nova relação com os pais e o mundo. É um período confuso, de contradições, ambivalente, caracterizado por conflitos com o meio familiar e social. Em resposta às exigências exteriores, o jovem refugia-se no seu mundo interno, a fim de buscar conexões com os objetos primários, que lhe servirão de apoio para investir no mundo externo (Aberastury, 1988; Pereira, 2005).

Penso (2003) acrescenta que o adolescente é impelido a entrar no meio adulto, sendo obrigado a pôr em ação o trabalho de ligação entre o sentimento de continuidade

da sua existência, por meio das identificações primárias, à necessidade de assumir o lugar de adulto, para experimentar papéis e situações sociais que lhe exigem uma capacidade de reorganização das novas formas de se relacionar.

Conflitos psicológicos e uma série de exigências familiares e sociais favorecem a dissonância entre aquilo que ele é, para onde está indo e quais são as possibilidades de vir a ser. Assim, ele se vê em um período em que é obrigado a abdicar da segurança e diversão do mundo infantil, para adquirir um passaporte para vida adulta (Aberastury, 1988; Pereira, 2005).

Segundo Penso (2003) e Pereira (2005), nesse momento crítico e de tensão, o jovem repudia as identificações da infância, tentando diferenciar-se dos valores estabelecidos pelos pais e pela cultura. Todavia, também reconhecem sua forte ligação com os objetos internos, pela compreensão daquilo que apreendeu sobre si na relação com seu meio familiar e sociocultural. Quando o adolescente consegue ressignificar seu papel e reeditar uma nova forma de ser, ele obtém um todo sobre si próprio, em consonância com seu passado e, enquanto se prepara para o futuro, ele adentra no mundo.

Reconhecendo a possibilidade de novos laços se constituírem entre os adolescentes e suas famílias, este estudo busca elaborar uma leitura atualizada sobre a adolescência e as relações em que os avós estão implicados. Embora existam pesquisas sobre a importância dos avós na infância, não foram encontrados trabalhos que abordassem a função destes e sua relevância na adolescência dos netos. Diante dessa realidade, nasceu o interesse em realizar uma pesquisa que abordasse a tríade: avós e netos adolescentes.

Assim, este estudo teve como objetivos identificar e compreender o lugar dos avós na configuração familiar dos netos-adolescentes. Pretende-se ainda comparar dois grupos que moram e que não moram com os avós quanto: a forma como caracterizam seus pais e avós, se o jovem procura seus avós quando tem um problema mental/emocional, se os avós influenciam suas vidas de adolescentes.

## **Método**

Em primeiro lugar, é importante esclarecer, que este estudo trata de um recorte de uma pesquisa maior intitulada: “Saúde Mental dos Adolescentes nas Escolas”, cujo foco voltou-se para os dados que envolvessem o contexto familiar, mais especificamente, buscou-se enfatizar os dados referentes aos avós dos adolescentes estudados.

Esta pesquisa parametriza-se por uma abordagem metodológica quantitativa (Cohen & Manion, 1994) que faz emergir dados objetivos da relação entre adolescentes e seus avós. O estudo utilizou o método quantitativo exploratório descritivo, focando no papel dos avós junto aos netos-adolescentes.

## ***Amostra***

A amostra foi constituída por dois grupos: um com 31 adolescentes que residem com os avós (que chamaremos apenas de “residentes”) e outro com 56 adolescentes que não residem com os avós (que chamaremos apenas de “não residentes”). Todos os sujeitos tinham entre 14 e 19 anos e estudavam no ensino médio, em duas escolas públicas das regiões de menor IDH em Brasília (DF).

## ***Instrumentos***

Foi utilizado o mesmo questionário elaborado para a pesquisa maior da qual este estudo se originou. O questionário contemplou questões fechadas (dicotômicas, de múltipla resposta e escala Likert) e questões abertas. O mesmo foi dividido em quatro partes: a primeira ficou composta de 111 itens que diziam respeito à saúde desses jovens, bem como as variáveis que poderiam influenciar a mesma. A segunda, por sua vez, foi composta de 22 itens que correspondiam ao aspecto referente à família desses

adolescentes. A parte três referente ao bem-estar desses jovens foi composta por 27 itens e, finalmente, a quarta parte, constituiu-se de questões referentes aos dados sociodemográficos, nomeadas no questionário como “condições de vida”. Nessa última parte, havia o item aberto com a pergunta: “Com quem você mora?” de onde foram retiradas as respostas para realizar a separação dos grupos e compor a amostra do presente estudo. Nas perguntas que compõem o questionário, foi utilizada a escala Likert de 1 a 4 pontos na parte 1 e no primeiro item da parte 2, e utilizada a escala de 1 a 5 pontos a partir do segundo item da parte 2, até o final da parte 3 do questionário, sendo que a parte 4 é relativo ao preenchimento sociodemográfico.

### ***Procedimentos para a coleta de dados***

Os respondentes foram localizados em suas próprias escolas, após autorização dos órgãos públicos responsáveis. A coleta de dados foi realizada durante o horário de aula que fora designada pela direção das escolas. A aplicação foi realizada com toda a turma, ao mesmo tempo. Os questionários levaram cerca de quarenta minutos a duas horas para serem respondidos. A coleta durou dois meses para ser finalizada.

### ***Procedimentos de análise de dados***

O SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*) foi utilizado na construção de um banco de dados para a análise das informações contidas nos questionários. Verificou-se a existência ou não de diferenças significativas no que se refere a residir ou não com os avós. Também foi observada, através da descrição da frequência, o *como é* a família desses jovens (pais separados, nunca viveram juntos, são divorciados, um dos cônjuges é viúvo, vivem juntos, são casados) e quais os avós que esses jovens mais se referiram com o fato de morar ou não com os avós. As variáveis estudadas foram mensuradas nos níveis das escalas: nominal e intervalar. Inicialmente, com o uso do SPSS, verificou-se a consistência das informações, ou seja, foi feita a correção da

codificação das variáveis no banco de dados, e, em seguida, procedeu-se à análise estatística através da construção de tabelas de frequências e cruzamentos das variáveis pertinentes. Na sequência da análise estatística e, de acordo com os objetivos propostos, utilizou-se o Teste (T) Não-paramétrico, em nível de significância de 5%, para verificar a existência ou não de diferenças significativas no que se refere às questões anteriormente explicitadas.

## **Resultados e Discussão**

Para a presente pesquisa, analisaram-se apenas as questões do questionário que apresentassem algum dado referente aos avós dos adolescentes. Tais questões versavam sobre: residir ou não com os avós; de onde vêm as ideias de saúde mental dos jovens; quem eles procuram quando estão com problemas mentais/emocionais; como eles representam a família; como se veem, como veem a mãe, o pai e os avós; como é a família desses jovens - pais separados, nunca viveram juntos, são divorciados, um deles é viúvo(a), vivem juntos, são casados - e quais os avós a que esses jovens mais se referiram - mãe da mãe, mãe do pai, pai da mãe e pai do pai. Os resultados encontrados sobre essas temáticas serão apresentados e discutidos a seguir:

a) Sobre a configuração familiar dos jovens: no que se refere a este aspecto, observou-se que, dos jovens residentes, 61,29% (19 sujeitos) não apresentam a família nuclear, ou seja, os pais nunca viveram juntos, são separados/divorciados ou são viúvos. Dos não residentes, é possível observar essa configuração de família nuclear, sendo que para 62,50% (35 sujeitos), os pais vivem juntos ou são casados.

Os dados aqui representados corroboram a literatura disponível, uma vez que os netos que residem com os avós geralmente são provenientes de famílias não nucleares, com os avós exercendo a função parental. É percebido que a co-residência, isto é, os filhos morando com seus pais, não é devido apenas pela necessidade desses idosos, mas pela demanda da população mais jovem. Os avós são considerados parentes que também sofrem essa ruptura da família nuclear, já que se verifica o envolvimento desses idosos no momento crucial que seu filho ou filha está passando juntamente com seus

netos (Jaskowski & Dellasega, 1993 como citado em Araújo & Dias, 2002). Além disso, a estabilidade financeira, emocional, entre outras, desses idosos são alguns dos motivos do recebimento dos próprios filhos em casa e, conseqüentemente, dos filhos desses filhos, os netos, tornando o papel desse idoso fundamental na família (Gladstone, 1988 como citado em Araújo & Dias, 2002).

Com os novos arranjos familiares, como os encontrados na amostra, os limites e as fronteiras tornaram-se expandidos e difusos, levando os avós a assumir ou sobrepor papéis diante da ausência parental da geração do meio (Goldfarb & Lopes, 2006). No entanto, ocupar o lugar de avós exige desses avós o consentimento para que seus filhos assumam-se como pais, desempenhando o papel educativo e afetivo. Cabe aos pais, na posição de avós, permitirem que seus filhos assumam as funções parentais. Permanecer enquanto elo entre as gerações é ser avô/avó, sem que seu lugar fique vazio (Penso, 2003; Goldfarb & Lopes, 2006). Seria ideal, portanto, que, com a chegada da adolescência dos netos, os avós se colocassem como elo entre pais e filhos. Assim, no desempenho da sua função, o avô cederia ao filho o lugar para reprodução da função paterna/ materna.

b) Sobre a influência dos avós na concepção de saúde mental: foram verificadas diferenças significativas entre o fato de os jovens residentes ou não-residentes com relação à de quem vem as ideias sobre saúde e doença mental/emocional dos mesmos. Para a análise desses dados, foi utilizada a pergunta do questionário “Você acha que as suas ideias sobre saúde e doença mental/emocional vêm...” entre as opções tinham as respostas: “dos meus pais; dos meus avós; dos meus irmãos; dos meus amigos; da escola; de profissionais por ex-médico, psicólogo; da mídia televisão, rádio (internet), em uma escala Likert de 4 pontos. Os resultados do Teste T indicam que há significância de 0,019 dos residentes e 0,039 dos não residentes na resposta dos meus “avós”.

Os jovens residentes acham que as ideias vêm mais dos avós (concordam em parte - média 2,09) do que os não residentes (não concordam - média 1,58); as outras respostas não foram significativas para a amostra em questão.

Comparando os dois grupos, verifica-se uma influência que esses avós têm sobre os jovens que moram com eles, no que se refere à ideia de saúde mental, considerando inclusive o fato de estarem na mesma residência e com uma convivência diária. Contudo, sabe-se que a influência da geração anterior para a atual, de maneira geral, é mais difícil, sendo esses novos modelos peculiares, pelo maior acesso a informações, avanço da tecnologia, por parte da geração dos adolescentes. Isso também pode ser percebido nas respostas “Concordam em parte”, isto é, essa influência dos avós revela ser pouca na concepção de saúde mental.

Foi questionado: “Alguns jovens procuram pessoas quando têm um problema mental/emocional. Quando eu tenho um problema mental/emocional eu procuro...”. Dentre as respostas, houve as opções: “a minha mãe; o meu pai; os meus irmãos; a minha avó; o meu avô; os meus amigos/as; o meu professor; uma pessoa do contexto religioso, por ex., padre, guia espiritual; o médico de família ou o pediatra; uma pessoa da medicina alternativa, natural; um psicólogo/psiquiatra; um outro especialista, por ex., neurologista; uma clínica ou hospital”, em uma escala Likert de 4 pontos. Obteve-se como resultado: quando os jovens residentes estão com algum problema de saúde mental/emocional procuram as suas avós (gênero feminino) (concordam em parte – média 2,07) com significância de 0,021. Já os que são não residentes (significância de 0,048) não procuram essas avós (gênero feminino), quando estão com problemas (não concordam – média 1,53). Nota-se que não foi significativa para nenhum dos dois grupos a procura aos avôs (gênero masculino).

Como já foi mencionado, percebe-se, a partir desses resultados, que há uma maior influência por parte das avós sobre seus netos-jovens. Dias (1994) pontua que a vivência da avosidade é influenciada pelo gênero, idade e nível socioeconômico na cultura ocidental. O autor destaca que a chegada de um neto, para a mulher de meia-idade, pode oferecer-lhe uma nova oportunidade para experienciar a maternidade, em forma de auto-realização emocional, e até aumentar a sua longevidade (Lachmann, 2011) e assim elas parecem se aproximar mais dos netos, podendo ser inclusive uma referência importante para eles, como se observa neste estudo.

Diz a literatura (Dias, Hora & Aguiar, 2010; Peixoto & Luz, 2007) que é comum, quando há um conflito conjugal, que os netos e filhos se apoiem na figura materna e geralmente na mãe da mãe. Afirma ainda Marcondes (2009: 12) que, em sua

pesquisa, percebeu “uma total ausência da figura do avô nos relatos; revelam-se tanto nas falas femininas quanto masculinas, como as dinâmicas familiares, nesse grupo de entrevistados, são essencialmente articuladas pelas e em torno das mulheres”. A autora ainda diz que a condição de avó aparece cercada de autoridade e prestígio, mostrando-se acolhedora, mas sem excluir as cobranças inerentes ao papel de mãe, acabando por assumir o papel de disciplinar seus netos quando as mães destes não o fazem. Isso contrasta com a figura branda e menos exigente que se tem de uma avó, e que, em sendo assim, a avó exerce grande influência sobre os netos (Marcondes, 2009). Observa-se, então, uma maior atuação do papel feminino, não do masculino, que é representado na figura do avô.

c) Sobre como os jovens dos dois grupos se descrevem e descrevem sua mãe, pai e avós: foi realizada no questionário a pergunta: “Tente com a lista de características abaixo descrever a si e a sua família”. Com o item: “Por favor, descreva como você é na sua opinião:..”. Foi utilizada a escala Likert de 5 pontos. Teve-se como resultado a não significância no cruzamento dos dados, o que pode inferir que a maneira como esses adolescentes se veem não é significativo pelo fato de residirem ou não com os avós.

Sendo não significativo o fato de morar ou não com os avós com relação a como eles se veem, percebe-se que os avós não influenciam a maneira como esses adolescentes se veem, sendo diferentes as gerações, e o impacto de uma sobre a outra. Isto é, a geração atual se redefine, se vê de forma diferente, e é autônoma, a ponto de esses jovens não serem influenciados pelos idosos. Além disso, conforme alguns autores (Aberastury, 1988; Pereira, 2005), nessa fase da vida, a construção da identidade é feita mais pelos pares e pelo mundo externo do que na base familiar. Os adolescentes se percebem no outro, no grupo de amigos, estão em fase de exploração para além da própria residência, não desprezando a influência da base familiar, mas agregando outros fatores, de se perceberem e se construírem. Diferentemente de quando estão na infância em que a referência é mais sua família.

d) Em relação a como eles descrevem a mãe: não houve influência do fato de morar ou não com os avós, na presente amostra. Já verificada a autoridade da figura

materna, quando muitas vezes a avó exerce a função parental para com esses netos (Goldfarb & Lopes, 2006). Devido a diversos fatores, dentre estes, a estabilidade nesse período de vida, a não significância na comparação entre os dois grupos pode ser tributária ao fato de esses jovens que moram com suas avós perceberem-nas como mães. Isso porque muitas vezes são as próprias idosas que provêm o sustento financeiro, emocional e afetivo, bem como são as que chefiam a casa quando seus filhos saem para trabalhar, sendo de sua responsabilidade a criação diária dos netos (Aratangy & Posternak, 2005; Oliveira, 2009).

e) No que concerne à descrição dos pais por esses jovens, entre as opções: satisfeito, tranquilo, medroso, animado, comunicativo, “de lua”, seguro de si, independente, nervoso, compreensivo, atencioso e simpático: observou-se, dentre os adolescentes que residem com os avós, que eles veem seu pai como “medroso” (significância de 0,028 e corresponde pouco – média 2,07). Os jovens que não residem com os avós não concordam com o pai ser “medroso” (significância de 0,057 e não corresponde – média 1,50). Aqui, pode-se verificar que o resultado de que os jovens residentes com os avós veem o pai como medroso pode estar relacionado com o fato de o terem como alguém que não teve coragem de assumir a família, que fugiu do enfrentamento da situação paterna, acarretando a separação da família; embora ainda depositassem no pai a esperança de este assumir a família; entretanto, devido ao não cumprimento do seu papel de pais, estes passam a ser avaliados negativamente por seus filhos.

f) No que diz respeito a como eles descrevem esses avós: ao serem questionados “A sua avó ou seu avô é: satisfeito/a, tranquilo/a, medroso/a, animado/a, comunicativo”, “de lua”, seguro/a de si, independente, nervoso/a, compreensivo/a, atencioso/a, simpático/a”, teve como resultado significativo a resposta “nervoso/a”, sendo que quem mora com os avós (significância de 0,005) veem mais como nervoso/a (corresponde em parte – média 3,19) do que quem não mora com os avós (significância de 0,006 e corresponde pouco – média 2,26).

Ao analisar esses dados, é interessante notar que, em comparação com os que não moram com os avós, os adolescentes que residem percebem esses avós como

nervosos, já que pelo fato de estarem ali morando com eles, de estar no dia a dia, enfrentando os conflitos de gerações, essa visão dos avós como pessoas nervosas fica em evidência diante do papel de avós vistos como “a vovó e o vovô doce, que passa a mão na cabeça”. Além do que os avós considerados somente em seu papel na avosidade são vistos por seus netos como a “mãe/pai com açúcar”. Uma vez que desempenham a função de mãe/pai ou junto com a filha/filho por estarem morando todos juntos, acaba-se o “açúcar” devido à tarefa da função parental mais presente. Há, portanto, diante das novas configurações familiares, o risco de se constituírem laços afetivos disfuncionais entre avós e netos adolescentes.

Cabe ressaltar que, segundo Goldfarb e Lopes (2006), ainda que os avós desempenhem o papel parental, os filhos, agora pais, não deixarão de ser pais/mães porque a função foi transferida. Contudo, o lugar e a função dos avós podem se confundir ao dos verdadeiros depositários destes papéis, tendo em vista os desafios sociais e econômicos que a família enfrenta na contemporaneidade. Neste mesmo contexto, Goodman e Silverstein (2002 como citado em Lopes, Nery & Park, 2005) consideram que, quando há ausência do pai e da mãe, os avós tendem a desempenhar as funções parentais como pais substitutos.

Com seus papéis expandidos, podem encontrar satisfação ao oferecer benefícios aos netos, e também ônus, em função do estresse físico e emocional (Lachmann, 2011). Por outro lado, para Lopes, Nery e Park (2005), o idoso pode passar por este processo de viver a experiência de ser avô, sem comprometer-se com obrigações maternas e paternas. Pode desenvolver novos vínculos com seus netos, permitindo que identificações sejam estabelecidas sem que haja sobrecarga ou estresse.

g) Finalmente, descreveu-se a frequência de quem foram os avós que os respondentes descreveram e se referiram na questão acima, por meio do sub-item: “Quem é o avô ou a avó que acabou de descrever?” Observou-se que esses jovens fazem referência a avó (gênero feminino). A mãe da mãe desses adolescentes foi a mais citada em ambos os grupos, sendo em 72% dos casos de jovens que moram com avós (22 sujeitos) e 51,4% (28 sujeitos) nos jovens que não moram com os avós. É perceptível o fato de a função materna ser a que cumpre esse papel parental, invertendo

a função de “mãe sem açúcar”. O dado aqui representado corrobora a literatura (Dias, 1994; Oliveira, 2009) em que geralmente é a mãe da mãe que ocupa essa função.

### **Considerações Finais**

Este artigo buscou identificar e compreender o lugar dos avós na configuração familiar de netos-adolescentes, que residem em Brasília (DF). A seguir, descreveram-se quantitativamente aspectos da relação entre netos-adolescentes e seus avós, os lugares que estas figuras ocupam na vida dos jovens que residem ou não com eles. Mostrou-se que, ao desempenhar papéis multidimensionais, os idosos criam diferentes estilos de relacionamento com seus netos, coerentes com as circunstâncias pessoais e subjetivas (afinidade, idade e gênero) e situacionais (divórcio dos pais e questões socioeconômicas) vivenciadas. Situações tais que requerem uma reorganização das partes envolvidas, tendo em vista que, no imaginário das crianças e adolescentes que convivem com seus avós, essa substituição parental pode ocasionar dificuldades emocionais (Triadó, Martínez & Villar, 2000; Lopes, Neri & Park, 2005). Assim, este trabalho explana a possibilidade de se constituírem laços afetivos disfuncionais entre avós e netos-adolescentes, considerando as novas configurações familiares.

Esta pesquisa vai ao encontro dos resultados encontrados em outras pesquisas que têm como tema principal o estudo da avosidade (Aratangy & Posternak, 2005; Oliveira, 2009). Não foram poucos os dados sobre a importância do suporte dos avós, ao assumirem as tarefas domésticas e os cuidados dos netos, enquanto seus pais trabalhavam ou procuravam emprego. Os dados sobre as famílias dos jovens que residiam com os avós mostram a sobreposição dos lugares de mães e avós, que se soma às dificuldades socioeconômicas e situacionais. Na maioria dos casos, foi a mãe da mãe que desempenhou um papel importante na vida dos adolescentes do grupo de residentes, e confirmou-se a ideia de que há uma maior influência por parte das avós sobre seus netos-jovens.

Considerando o aspecto levantado quanto às novas configurações familiares e à presença expressiva dos idosos nas famílias brasileiras, sugere-se que estes também sejam lembrados ao se falar em pessoas que podem oferecer suporte e apoio ao

adolescente, bem como na sua necessidade de também receberem apoio na função substitutiva.

## Referências

- Acosta, A.R. & Vitale, M.A.F. (2008). *Família, Redes, Laços e Políticas Públicas*. (4ª ed.). São Paulo: Cortez.
- Aberastury, A. (1988). *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Araújo, M.R.G.L. & Dias, C.M.S.B. (2002). Papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situações de separação/divórcio dos pais. *Estudos de psicologia*, 7(1): 91-101. Natal (RN).
- Aratangy, L. & Posternak, L. (2005). *Livro dos avós: na casa dos avós é sempre domingo?* (4ª ed.). São Paulo: Artemeios.
- Bleger, K.S. (2001). *O desenvolvimento da pessoa: da infância à terceira idade*. (5ª ed.). Rio de Janeiro: LTC.
- Cohen, L.E. & Manion, L. (1994). *Research Methods in Education*. (4th ed.). London: Routledge.
- Dias, C.M.S.B. (1994). A importância dos avós no contexto familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 10(1): 31-40. Brasília (DF).
- Dias, C.M.S.B.; Hora, F.F.A. & Aguiar, A.G.S. (2010). Jovens criados por avós e por um ou ambos os pais. *Psicologia: Teoria e Prática*, 12(2): 188-99. Brasília (DF).
- Debert, G.G. & Simões, J.A. (2006). Envelhecimento e velhice na família contemporânea. In: Freitas, E.V. et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*: 1368-73. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Erikson, E.H. (1998). *O ciclo de vida completo*. Porto Alegre: Artmed.
- Goldfarb, D.C. & Lopes, R.G.C. (2006). Avosidade: A família e a transmissão psíquica entre gerações. In: Freitas, E.V. et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*: 1374-82. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- IBGE (2010). *Censo Demográfico de 2010*. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dados referentes à população brasileira, fornecidos em meio eletrônico.
- Kaplan, H. & Sadock, B.J. (1984). Teorias da personalidade e psicologia: outras escolas. In: Kaplan, H.I.; Sadock, B.J. Trad.: Helena Mascarenhas de Souza, Maria C.L. Schaun, Maria C.R. Goulart et al. (1994). *Compêndio de psiquiatria dinâmica*: 137-40. (3ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lachmann, P.J. (2011). The Grandmother Effect. *Gerontology*, 57: 375-7.

Lopes, E.S.L.; Neri, A.L. & Park, M.B. (2005). Ser avós ou ser pais: os papéis dos avós na sociedade contemporânea. *Textos sobre Envelhecimento*, 8(2): 239-53. Rio de Janeiro (RJ).

Marcondes, G.S. (2009, 28-31 julho). *Continuidades e rupturas: relações entre avós, pais e netos em contextos de separação e recasamentos*. Trabalho apresentado no XIV Congresso Brasileiro de Sociologia: Sociologia: Consensos e Controvérsias. Rio de Janeiro (RJ).

Oliveira, A.R.V. (2009). *Avosidade: Visão das avós e de seus netos*. Dissertação de Mestrado em Gerontologia. Brasília: UCB.

Pedrosa, A.S. (2006). *Homens idosos avôs: significado dos netos para o cotidiano*. Dissertação de Mestrado em Gerontologia. São Paulo: PUC-SP. Recuperado em 01 abril, 2010, de:  
[http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=2663%20](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2663%20)

Pereira, A.C.A. (2005). *O adolescente em desenvolvimento*. São Paulo: HARBRA.

Penso, M.A. (2003). *Dinâmicas familiares e construções identitárias de adolescentes envolvidos em atos infracionais e com drogas*. Dissertação de mestrado em psicologia. Brasília: Universidade de Brasília.

Seben, G. (2010). *A família em transformação: aspectos psicossociais da criança em distintas configurações familiares*. Dissertação de mestrado em psicologia. Porto Alegre: PUC-RGS.

Triadó, C.; Martínez, G. & Villar, F. (2000). El rol y la importância de los abuelos para sus nietos adolescentes. *Anuário*, 31(2): 107-18.

Recebido em 02/02/2012

Aceito em 20/02/2012

---

**Alessandra da Rocha Arrais** - Doutora em Psicologia; Professora da Graduação e Mestrado em Gerontologia da Universidade Católica de Brasília (UCB).

E-mail: arrais@ucb.br

**Katia Cristina Tarouquella Rodrigues Brasil** - Doutora em Psicologia; Professora da Graduação e Mestrado em Educação da UCB.

E-mail: katia@ucb.br

**Carmen Jansen de Cárdenas** - Doutora em Psicologia; Professora da Graduação e Mestrado em Gerontologia da Universidade Católica de Brasília (UCB).

E-mail: magdagis43@hotmail.com

**Luisa Lara** – Bolsista de IC e Graduanda em Psicologia da UCB.

E-mail: luisinhah88@gmail.com